

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

PATRÍCIA FERREIRA MENDES

A (NOVA) HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: um olhar sobre a história da hipnose

**PATOS DE MINAS
2019**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

PATRÍCIA FERREIRA MENDES

A (NOVA) HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: um olhar sobre a história da hipnose

Resenha apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientadora: Proa. Ma. Isabel Cristina Oliveira Gomes

**PATOS DE MINAS
2019**

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

PATRÍCIA FERREIRA MENDES

A (NOVA) HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: um olhar sobre a história da hipnose

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 17 de junho de 2019.

Orientadora: Proa. Ma. Isabel Cristina Oliveira Gomes
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Prof. Me. Marcelo Matta de Castro
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Arthur Siqueira de Sene
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho aos estudiosos da área, pessoas que participaram dessa pesquisa e às pessoas que tem interesse em saber mais sobre a hipnose na psicoterapia.

AGRADECIMENTOS

Por trás de todo triunfo individual existe uma grande equipe. Durante essa jornada, contei com pessoas que acreditaram em meu potencial e me fizeram acreditar que a realização deste sonho seria possível.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pela proteção e por me conceder força e resignação para superar todos os obstáculos.

A minha mãe Eliene, meu maior exemplo de perseverança, fonte de amor inesgotável e doação. A meus irmãos Priscila e Samuel, pelo amor imensurável. Aos meus avós Elidia e José, que sempre me ajudaram em todos os sentidos. Ao meu esposo Marlon, porto seguro de minhas dúvidas, angústias e anseios.

Aos meus mestres pelos ensinamentos, em especial a minha professora Ma. Isabel. Aos meus colegas pela graça de conviver com as diferenças. Minha eterna gratidão a toda minha equipe, que foi imprescindível na realização deste sonho.

Você não usa a Hipnose como uma cura, mas sim como um meio de estabelecer um clima favorável para a aprendizagem.
Milton Erickson

A (NOVA) HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: um olhar sobre a história da hipnose

Neubern (2009) *Psicologia, hipnose e subjetividade: revisitando a história*. Belo Horizonte: Diamante.

Por: Patrícia Ferreira Mendes*

Isabel Cristina Oliveira Gomes**

1 CREDENCIAIS DE AUTORIA

Maurício S. Neubern nasceu no Rio de Janeiro e é radicado em Brasília há muitos anos. Professor Associado 1 do Departamento de Psicologia Clínica (IP/UnB) com pós-doutorado (Estágio Sênior, CAPES) no Centre Edgar Morin, École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris (2015-2016) com o projeto "Hypnose, Complexité et Douleurs Chroniques". Foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, PPG-PsiCC (2013-2015). Obteve seu Doutorado em Psicologia em 2003 (UnB), tendo participado do PDEE/Capes no Laboratoire de Changement Social, Université Paris VII, Paris, França (2001-2002). Seu principal projeto de pesquisa é "Complexidade, Hipnose e Subjetividade nas Relações Terapêuticas" (CHYS) a partir do qual aborda questões históricas, epistemológicas e clínicas envolvendo Hipnose e Psicologia Clínica, hipnose e processo terapêutico de pessoas com dores e doenças crônicas; conicidade, semiótica e hipnose clínica; transe, subjetividade e cultura; espiritualidade e clínica. Sua principal meta neste projeto é o desenvolvimento de aportes teóricos e metodológicos complexos para a Psicologia Clínica, por meio da articulação das ideias da Complexidade (Morin) e Hipnose (Milton Erickson). Sua atuação envolve a prática clínica como extensão, notadamente a psicoterapia, articulada à pesquisa e à formação de terapeutas e pesquisadores.

2 APRESENTAÇÃO DA OBRA

* Concluinte do Curso de Graduação em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM).
patricia_cp_@hotmail.com

** Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente e orientadora do Departamento de Graduação em Psicologia da FPM.
belgomes.icog@gmail.com

Este livro é uma possibilidade de discutir o problema histórico das relações entre psicologia e hipnose. Divide-se em seis capítulos: No primeiro capítulo o autor fala sobre o mito de Édipo e como ele favoreceu nas práticas sociais dos psicólogos, fala sobre nomes importantes para a história da psicologia como Mesmer, e faz uma crítica quanto ao contexto histórico e como nomes de autores importantes para a construção de uma psicologia científica não aparecem nas referências históricas. No segundo capítulo o autor se aprofunda na história de Mesmer contando os percalços sofridos durante sua carreira e a incessante tentativa de provar o magnetismo animal. No terceiro capítulo o autor aponta o Marquês de Puységur e sua importante contribuição na construção histórica da psicologia e da hipnose, que por meio do sonambulismo trouxe uma nova concepção sobre o magnetismo animal de Mesmer. No quarto capítulo autor faz uma crítica quanto a rejeição científica sofrida pelo movimento magnético e faz uma avaliação social com base no contexto histórico e econômico. No quinto capítulo o autor fala sobre Freud e sua relação com a hipnose e como essa tornou-se uma técnica indesejada e duvidosa para Freud; No sexto capítulo o autor fala sobre acontecimentos na vida de Milton H. Ericson e de sua hipnose “trazida de casa” fazendo questionamentos á respeito de Ericson se seria ele um “médico ou mágico”?.

No seu primeiro capítulo, discute como o mito de Édipo favoreceu nas práticas sociais dos psicólogos, inclusive nas principais noções desenvolvidas por Freud para a construção da psicanálise e muitos outros psicólogos que buscam para seus clientes uma forma terapêutica de lidarem com seu passado partindo do pressuposto segundo o qual a construção de um conhecimento não pode ser desvencilhada.

O autor faz uma crítica quando nos apresenta que os pensadores do passado são frequentemente vistos como simplórios ou ignorantes, pois suas ideias não teriam valor que não fosse histórico, sendo que boa parte das referências históricas omitem nomes de autores importantes, apresentando lacunas quanto aos cenários sociais da época, não mencionando os processos institucionais implicados, desconsiderando os conflitos entre partidários e adversários, restringindo-se a ideia de que a razão, por ser fiel representante da verdade, ao final sempre triunfa.

A história da psicologia é contada como se nascesse com os filósofos e com outras ciências, mas sem se referirem às primeiras tentativas de uma psicologia científica que aconteceram na França por quase um século e que contribuíram de

forma significativa para várias concepções do pensamento atual. Compreende-se que essa forma de pensamento seletivo tenha ocorrido em nome do ideal de ciência que poderia aceitar parentesco com filósofos e médicos, mas que seria muito criticado caso fosse relacionado a médiuns, magnetizadores e sonâmbulos.

O autor menciona Mesmer como um precursor da psicologia uma vez que sua proposta terapêutica do magnetismo animal constituiu em uma importante tentativa de aliar terapia e ciência, Neubern faz uma crítica às incoerências metodológicas não mencionadas presentes em suas experimentações, e o problema de se atribuir à imaginação a causa dos fenômenos sem definir precisamente o que seria imaginação. Poucas são as referências e reflexões sobre o grupo de discípulos de Mesmer, suas relações com a sociedade francesa e as consequências sociais do processo movido pelo governo.

Outro autor de destaque negligenciado historicamente é o Marquês de Puységur, a quem se atribui a criação do sonambulismo magnético e quem desenvolveu um conjunto refinado de princípios voltados para o desenvolvimento da relação terapêutica. Um autor com a figura quase que completamente apagada por ser considerado um sujeito crédulo, infantil e destituído de senso crítico.

Por essas sequências de amnésias históricas promove a construção de uma versão inteiramente distinta e excludente da história da psicologia. Associando a origem da psicologia apenas ao empirismo e ao experimentalismo atribuindo sua criação a algum autor de peso que estivesse relacionado a esses mesmos pressupostos epistemológicos como Wundt.

No segundo capítulo o autor conta um pouco sobre a história de Mesmer e como seu nome veio se tornar “amaldiçoado pela ciência”. Mesmer acreditava que os planetas poderiam influenciar a saúde das pessoas através de um fluido magnético e que tal influência poderia ser usada terapeuticamente pela medicina. Esse fluido semelhante à eletricidade estaria presente em todo planeta e sua compreensão só poderia ocorrer por seus efeitos, como no caso das curas efetivadas.

Ele enfrentou muitas polêmicas ao longo de sua carreira e muitos julgamentos a partir de suas pretensões, foi tarjado com incrédulo e charlatão. Apesar disso, havia uma multidão que o enxergava como um homem extraordinário. Chegando a um ponto de divisão de pensamentos que resultaram em cenas escandalosas Mesmer saiu de sua cidade, até então Viena e foi para Paris onde houve uma

tentativa para inserir o magnetismo animal como uma ciência fidedigna. Sua amizade com Deslon, membro respeitável da faculdade de medicina de nada o propiciou, sendo severamente advertido pela assembleia e excluído por um ano dos quadros da faculdade. E qualquer dos seus membros que se posicionasse favoravelmente a ideia de Mesmer poderia ter seu nome desvinculado da instituição.

Logo depois Mesmer foi embora da França e se isolou em um spa com alguns pacientes para dar continuidade ao tratamento. Quando soube que Deslon havia se prontificado a ser examinado pelas comissões oficiais, colocando-se como descobridor do magnetismo animal, Mesmer se enfureceu e resolveu voltar a Paris onde sob o incentivo de seus discípulos, criou a “sociedade da harmonia” com o objetivo de difundir a doutrina do magnetismo animal.

A morte de um partidário entusiasta de Mesmer, Court de Gébelin que havia se declarado curado por seus métodos terapêuticos promoveu uma série de investidas contra a doutrina magnética, o dito fluido era qualificado como inexistente ou ilusório. Em meio a tanto alvoroço, o governo resolveu sair do silêncio e propor uma avaliação científica sobre o magnetismo animal.

Em março de 1784, Luis XVI, rei da França, nomeou uma comissão de cientistas para que pudessem se pronunciar sobre a polêmica e corrente prática do magnetismo animal. A comissão era composta por membros distintos. Deslon acabou por ser convocado para tais experiências por se tratar de um médico respeitável e por ser dissidente de Mesmer e ter interesses distintos. A comissão impôs um conjunto de procedimentos advindos das ciências naturais, sem prestar maiores considerações aos princípios destacados importantes por Deslon para o fenômeno.

A comissão propôs fazer experiências com indivíduos isolados o que não implicaria na revelação de uma realidade complexa, mas em um resultado bastante parcial quanto a todas as circunstâncias envolvendo o possível fluido. Assim chegaram à conclusão que o fluido era inexistente atribuindo-lhe apenas à imaginação e ainda figurado como algo nocivo e perigoso.

Laurent Jussieu que participava da comissão chegou a uma compreensão bem diferente sobre os fenômenos estudados, compreendendo que seria necessário um estudo não de fatos isolados, mas de fatos numerosos e variados, visando o maior esclarecimento do problema. Jussieu se tornou frequentador assíduo e discreto do tratamento de Deslon e observou que as verdadeiras causas do

magnetismo não poderiam ser determinadas, que o magnetismo fazia parte do corpo podendo ser explicado como um processo físico, impulsionado pela imaginação ou outra coisa qualquer. Ele dizia que a simples presença do magnetizador poderia evocar crises em uma pessoa. Chegando à conclusão de que o corpo humano é passível de influência de diferentes causas, umas internas e morais, tal como a imaginação; outras, externas e físicas como a fricção, o contato e a ação de um fluido que emana de um corpo semelhante. Assim, Jussieu fez um apelo à ideia de calor animal, que seria um princípio de movimento na natureza. Não sendo possível admitir a teoria do magnetismo animal por falta de provas, mais seria possível considerar um fluido magnético que poderia ser passado de um corpo para outro.

A pertinência dessas histórias só nos mostra que se Mesmer houvesse optado por um caminho místico, é possível que sua vida ocorresse dentro dessa serenidade e que seu nome fosse respeitosamente lembrado como uma espécie de mago. Mesmer é uma espécie de marco pela proposta de relacionar os lados opostos do paradigma e por apresentar em sua própria história as dolorosas consequências de tal aventura. Ele inaugurou um campo de guerra onde mecanismos institucionais, políticos e epistemológicos deveriam ser acionados a qualquer custo para que o projeto de ciência não fosse ameaçado. Em um mundo único de métodos válidos, estava erigida a sina que viria acompanhar mais tarde o surgimento e o desenvolvimento não só da psicologia, mas das ciências humanas de um modo geral.

No terceiro capítulo o autor fala sobre o Marquês de Puységur enfatizando que suas curas obtidas foram mais numerosas que as de Mesmer, visto que desenvolvia um tratamento individualizado. Puységur por meio do sonambulismo trazia uma nova compreensão sobre o magnetismo. Ele não possuía formação médica e era cético quanto às práticas magnéticas até participar de um dos cursos de Mesmer onde acabou por se converter à causa do magnetismo.

Exercendo sua tarefa de magnetizador com um de seus servos, Puységur percebeu que o jovem havia entrado em um estado diferenciado apresentando várias faculdades fora do comum, como a de poder diagnosticar e prever, com exatidão, o desenvolvimento de sua cura. Puységur sentiu-se inicialmente bastante emocionado com aquela descoberta, por meio da qual a natureza poderia falar e mostrar sua pureza e sabedoria. Tal acontecimento veio a se constituir em um marco

para o desenvolvimento e popularização do magnetismo na França e em vários países da Europa.

A figura de Puységur foi decisiva em vários sentidos, pois passou a ser visto como uma espécie de novo patriarca do magnetismo, apresentando modificações substanciais em sua prática, podendo individualizar os tratamentos e se desvencilhar de certas peculiaridades que tão caro custaram para Mesmer, como a das crises públicas. Puységur com a ideia de sonambulismo se concentrava em um processo relacional dando voz aos doentes rompendo com a ideia de que o processo terapêutico dependia apenas da força de vontade do magnetizador, conferindo, portanto um novo papel a essas pessoas doentes que, sob o baquete de Mesmer, eram vistos como pessoas frágeis ou vítimas.

A condição de nobreza de Puységur contribui significativamente para que o magnetismo se infiltrasse como prática popular, e diferente de Mesmer que cobrava pela prestação de serviço, Puységur tomava medidas para que qualquer pessoa necessitada pudesse ter acesso a elas.

Apesar da proposta de racionalidade de Puységur, o sonambulismo era marcado como algo extraordinário o que foi para adeptos e adversários uma retomada do universo subjetivo em termos de místico e sobrenatural, trazendo muitas implicações para o movimento do magnetismo.

O período pós-revolução trouxe conseqüências marcantes para o movimento do magnetismo animal, muitos magnetizadores tiveram um destino trágico – a guilhotina. Fazendo com que práticas magnéticas e sonambúlicas se tornassem marginais, mas não deixassem de exercer fascínio e influência sobre o imaginário popular.

Após a publicação de obras importantes de Puységur e Deluze que tiveram um impacto bastante positivo, fundaram a “Sociedade do magnetismo”, onde a integridade física e moral do doente deveriam permanecer em primeiro plano, criando assim a primeira divisão epistemológica entre aqueles que consideravam a preocupação clínica e os que se esforçavam por um reconhecimento das instituições oficiais pela via experimental.

A obra de Puységur é bastante significativa no que se refere á construção de um espaço psicológico, mais precisamente de um espaço psicoterápico, desenvolvendo modificações de grande relevo no tratamento magnético o colocando no mesmo patamar de Mesmer, pois trazia no cerne de proposta terapêutica, uma

interrogação racional da natureza, que deveria se preservar enquanto racional sem deixar de mostrar um respeito profundo e admiração por ela.

Buscando se aliar a natureza, procurando desenvolver um modo de relação que pudesse conduzir a um processo de cura a partir de sua ação na subjetividade de seus pacientes Puységur tinha prioridade no restabelecimento e a cura do doente e o mais importante, sem exposições públicas, pautando na necessidade de acolhimento e proteção por parte do magnetizador.

É possível dizer que nascia um novo saber que apresentava características muito particulares, apesar de Puységur estudar em um terreno até então proibido pela ciência: a subjetividade havia uma tentativa de associação com a física da época, que pode ser constatada em várias tentativas de explicação dos fenômenos sonambúlicos, como no caso de sujeitos que enxergavam na ausência de luz. Isso seria possível em estado sonambúlico por causa do fluido magnético e não por agentes físicos como luz, som e ar.

A proposta de Puységur visava se fundamentar num processo racional, que pudesse ser acessível ao questionamento das pessoas, fazer frente, de sua própria maneira, às exigências científicas e se desvencilhar de concepções que remetessem ao maravilhoso e ao sobrenatural. Desse modo Puységur, na sua proposta de sonambulismo, mostrou que o sujeito entrava em um estado semelhante ao sono, mas adquiria uma lucidez extraordinária, capaz de lidar com intrincados problemas do corpo e da psique. A atitude científica foi uma negação sistemática que amaldiçoou os que viessem a mostrar interesse pelo sonambulismo.

O maior obstáculo e digamos que o maior problema foi à indisposição para uma investigação aberta diante de tanta complexidade. Assim, temas como hipnose, transe e até a paranormalidade foram fitados com desprezo, aversão ou deboche pelos psicólogos. O cultivo da cegueira histórica e epistemológica permaneceu incisivo na manutenção de lacunas e obscuridades referentes a acontecimentos, autores, obras e ideias, como se quisessem lançar para o lixo a história trechos sombrios com a qual uma psicologia científica deveria se envergonhar. Não obtendo sucesso em tornar o sonambulismo científico, foi melhor jogá-lo fora e esquecer-lo para sempre.

No quarto capítulo o autor faz uma crítica quanto à rejeição científica sofrida pelo movimento magnético e o quanto as instituições se viram ameaçadas pela contestação social que levantaram, com a proposta de uma revolução sem armas.

O magnetismo surgiu como uma forma incisiva de crítica à era moderna, apesar da busca por se tornar ciência. Assumindo o princípio de emancipação o que trouxe enorme desequilíbrio no projeto inicial da modernidade. Trazendo à tona o subjetivo e fazendo com que as pessoas tivessem voz, liberdade e escolhas próprias contrariando o princípio de racionalidade. Essa perspectiva emancipatória de criar espaço livre de prevenções onde a razão pudesse ser exercida por si mesma foi o que animou os magnetizadores a submeter à doutrina científica. Mas essa razão simples foi associada à várias outras dimensões, incluindo como uma forma de regular a sociedade.

Com a lógica de regulação do princípio do trabalho, a natureza se tornou algo a ser explorado e as relações de trabalho ou de convívio deveriam indicar a forma de produção do sujeito e o que ele ocuparia na máquina-sociedade, conferindo um reconhecimento social de identidade às pessoas por meio de suas profissões, acabando então com a tolerância quanto aos alienados mentais.

O sujeito que não produzia estaria pretendo a ser excluído da sociedade, resumindo à diversidade humana a mera força de trabalho, como uma peça que se falhasse ou não servisse mais, poderia ser descartada.

Dessa forma, foi possível notar uma acentuada divisão de classes dividindo o mundo em propriedades que pudessem gerar riquezas e patrimônios. Só os cientistas de conhecimento privilegiado e as pessoas com poder, que transformaram o mundo em uma fonte de recursos, poderiam usufruir desse novo mundo.

A subversão da doutrina dos magnetizadores se baseava principalmente em sua concepção de natureza e como uma forma de relação do homem com o universo o que trouxe incômodos significativos para os pilares da organização social, a começar pela oposição ao reducionismo do homem e da sociedade ao princípio de mercado.

Embora os papéis fossem delimitados na relação, mantendo de início a regra social estabelecida (senhor e servo), uma subversão social era sempre passível de ocorrer pela condição superior que o doente viesse a adquirir. O sonambulismo era, portanto, uma porta de acesso explícito à natureza que poderia romper com a hierarquia social, onde um nobre poderia acatar ordens e prescrições de um serviçal. Tal possibilidade se reduzia à lógica de que o homem e suas relações cotidianas não poderiam ser reduzidos à simples força de trabalho e produção.

Assim as práticas magnéticas conferiram alto valor à filantropia, sob a ideia de que o acesso aos benefícios da natureza deveria estar disponível a todas as pessoas, sem que algum componente financeiro viesse a intermediar a relação. Os tratamentos gratuitos consistiam em atender a todas as classes sociais

Em uma época em que as mulheres eram submissas aos homens, sob a inspiração do magnetismo e, posteriormente do espiritismo, elas rompiam com a restrição de afazeres da casa e ao cuidado dos filhos para se fazerem importantes veículos de comunicação da natureza. Uma vez que uma mulher entrasse em transe um médico deveria atender às suas implicações. O transe poderia, portanto, favorecer uma ruptura da hierarquia social que, apesar de temporária, trazia incômodos nada desprezíveis ao pensamento masculino nas instituições dominantes.

As mulheres ganharam um espaço privilegiado na religião, mas não eram bem vistas pela igreja católica uma vez que mostraram que o poder de absolvição não advinha de uma instituição, cabendo ao próprio sujeito esse poder. Fazendo com que tal doutrina perdesse “o poder de absolvição”. Isso trazia consequências de grande impacto social e psicológico, como a postura moral diante da vida, a sua continuidade e a sobrevivência dos laços afetivos com entes queridos, o que contrastava profundamente com ideias da eternidade no céu e o tormento de penas sem fim no inferno.

As doutrinas reveladas pelas mulheres destituíram o poder da igreja de um lugar privilegiado e traziam outra visão que causava profundo apelo às necessidades dos sujeitos e grupos sociais, dando voz às pessoas para que pudessem acreditar no que lhes parecia ser o certo.

As pessoas adeptas ao sonambulismo ou qualquer outra doutrina que não fosse científica ou advinda da igreja católica acabaram por serem marginalizadas. O esquecimento, tão associado a essa marginalização, tornou-se um recurso eficiente no sentido de apagar nomes, ideias e acontecimentos, promovendo uma espécie de “recalque coletivo”, um recalque que deveria esconder a todo custo às mazelas de uma ciência tão contraditória que jamais deveria assumir suas próprias fragilidades.

No quinto capítulo o autor fala sobre Freud e sua relação com a hipnose, como ela se tornou uma técnica indesejada e duvidosa para fins científicos.

Freud com as contribuições de Charcot diagnosticou a histeria como uma enfermidade resgatando a hipnose das mãos de curandeiros e charlatões aplicando-

a de modo consequente no tratamento de doenças mentais. A histeria antes vista como imoral, ganhava o estatuto de doença e a hipnose, desprezada pelos acadêmicos, era eleita a condição de importante instrumento científico para a compreensão das doenças nervosas.

Como na época a prática de hipnose havia sido marginalizada, não era permitida sua visibilidade, tornando-se cada vez mais obscurecida e reduzida. Desse contexto exorcizado, nasceria a psicologia moderna, tanto em uma forma clínica, principalmente por meio da psicanálise, como em sua forma experimental, através de Wundt.

Freud e Charcot tinham “um amor pela verdade” e buscavam um método que pudesse revelar a realidade da psique dos sujeitos. O método implicava no controle sobre o sujeito sendo este obediente às indagações do pesquisador. É assim que a hipnose “a la Charcot” surgiu, pela relação de poder e imposição do hipnotizador quanto ao sujeito.

Além desse contexto de submissão, a hipnose fornecia outra condição importante, pois seria capaz de revelar, junto aos sujeitos, facetas da psique muito distintas de seu funcionamento ordinário. Tratava-se de um método capaz de auxiliar valiosamente na compreensão do adoecimento nervoso, sem que fizesse um apelo direto e metodológico ao cérebro, apesar de este ainda ser considerado por Charcot como causa última da histeria.

Aliando-se a Breuer, Freud desenvolveu o método catártico que buscava, de uma só vez, investigar as possíveis causas traumáticas e proporcionar um processo de cura para o paciente, trazendo uma proposta de associar cura e ciência por meio de uma pesquisa arqueológica na psique do sujeito.

Freud acreditava que os sintomas neuróticos estavam associados a acontecimentos traumáticos além da compreensão do sujeito por isso à importância da hipnose para acessar a mais profunda parte da psique. Uma vez estabelecida essa conexão com a parte “perdida”, o sintoma tenderia a desaparecer através de uma descarga de afeto utilizada para manter o sintoma.

Mais ao longo da história, Freud estabeleceu que a hipnose teria um caráter bastante incerto já que os sintomas poderiam retornar de outra forma comprometendo a cura dos pacientes. Ele intitulou essa retomada dos sintomas de resistência. Certo de que o trauma nem sempre seria concreto, mas fantasiado, o afeto concebido seria de cunho sexual e a resistência do inconsciente em revelar as

causas subjacentes aos conflitos ocorreria fundamentalmente devido a essa dimensão erótica, muito dolorosa e inaceitável para os sujeitos.

Agora com uma nova teoria que parecia fazer sentido, aliando cura e ciência, Freud mesmo mantendo interesse de reflexão sobre a hipnose acabou a condenando como somente importância histórica para a construção de um saber psicológico.

A hipnose passou a representar uma abordagem superficial e suspeita enquanto a psicanálise representaria uma abordagem profunda e confiável. Assim, o projeto de Freud acabou por se concretizar na construção de um verdadeiro império, visto que a psicanálise conseguiu espaços institucionais invejáveis e o poder explicativo de suas teorias estendendo-se pelos mais variados campos do saber.

Portanto, “sob a maldição de Freud”, a hipnose foi banida do abrigo das instituições oficiais do saber e suas possibilidades de sobrevivência passaram a oscilar entre o incerto e o improvável.

No capítulo seis e último deste livro Neubern faz um questionamento a respeito de Milton H. Erickson. Seria ele médico ou mágico?.

Na perspectiva de Erickson, certos acontecimentos de sua vida como a doença, algumas deficiências físicas e as experiências de transe foram fundamentais na constituição de sua subjetividade e ainda inspiraram a construção de suas concepções sobre terapia e hipnose.

Em uma retomada da autobiografia de Erickson, ele se apresenta como um sujeito extremamente disponível para a experiência do transe. E é assim que ele mesmo explica a superação de sua acentuada dificuldade para aprender a ler. Se ingressando na faculdade de medicina e arrumando um emprego no jornal do campus, ele despertava em estado sonambúlico durante a noite para escrever seus artigos e, quando os lia no dia seguinte, não os reconhecia.

Erickson, apesar de sua doença e deficiências físicas que o colocava numa posição de difícil compartilhamento no que se refere às ideias numa comunidade científica, pareciam lhe conferir um senso de autonomia incomum. Marcado em sua própria história pelo singular e pela ideia de natureza, ansiava estudar as experiências individuais dos sujeitos.

Ao longo de sua trajetória Erickson não reconheceu nenhum nome que pudesse considerar como mestre, embora tenha estado sob a supervisão de nomes eminentes. Sua atitude parecia girar em torno de uma radical volta ao próprio

pensamento, a de assumir-se enquanto sujeito de suas reflexões sem ser dissolvido ou classificado em uma teoria consagrada.

A ideia de uma hipnose caseira trazida por Erickson parecia inaugurar uma prática social distinta. Uma ruptura com a perspectiva de terapia que buscava se assemelhar em todos os sentidos as práticas sociais típicas das comunidades científicas modernas. De início ele rompe com o pressuposto de neutralidade, trazendo uma postura mais ativa do terapeuta, onde o terapeuta poderia aconselhar colocar o cliente em contato com outras pessoas, criar situações que pudessem atender as suas necessidades terapêuticas.

Mesmo sem inserção em instituições oficiais e universidades, das quais recebeu certa resistência, o trabalho de Erickson ganhou notoriedade e se divulgou pelo país e pelo exterior.

Seria possível considerar que, por não possuir uma teoria, Erickson tinha mais flexibilidade para lidar com as oposições epistemológicas da subjetividade no paradigma ocidental. Contudo, tal forma de desvalorização da dimensão que possuía uma importância tão considerável, a teoria, valia a Erickson acusações frequentes como charlatão, gênio excêntrico ou um terapeuta eficiente que, porém, não conseguia contribuir significativamente para uma compreensão da psique ou de uma forma confiável de tratá-la.

Assim, a retomada da hipnose criada por Erikson, mesmo promovendo o entusiasmo de uma técnica eficaz, trazia também um forte teor de decepção. Apesar dos incômodos dos terapeutas ansiosos por explicações científicas, Erickson manteve-se irredutível, recusando-se a qualquer tentativa nesse sentido. Sendo visto como uma figura de feiticeiro, uma vez que seu saber é incerto, mas ao mesmo tempo consegue desenvolver processos de cura.

A recusa de um compromisso com a racionalidade dominante por parte de Erikson abria de novo as portas de acesso as tramas de um complexo universo, onde sofrimentos e demandas poderiam ser negociados e as esperanças reacendidas. Entretanto, permaneceu em aberto o desafio assustador e talvez impossível de realizar o sonho moderno de um conhecimento científico em diálogo com esse terreno “místico”.

3 APRECIÇÃO DA OBRA

Trata-se de um livro que procura destacar a incoerência da história da psicologia e a forma como ela se tornou ciência, como se o passado de ignorância fosse cedendo lugar as luzes da razão. Fazendo revisão dessa trajetória, verificando o porquê de tantas lacunas e o porquê do esforço acentuado para mantê-las.

A obra é muito rica, pois o autor realiza uma arqueologia do saber psicológico, discutindo aspectos paradigmáticos, além de uma genealogia do poder na construção do psicológico, que em nome de uma cientificidade aliou a subjetividade desconstruindo discursos que buscam reprimir o sujeito.

O autor faz críticas quanto ao surgimento da psicologia e aponta vários nomes que contribuíram para sua cientificidade, mas que até então não haviam sido citados. Mas o autor deixa a desejar quando elabora críticas como às incoerências metodológicas presentes no trabalho de Mesmer, sobre o modelo de ciência, sobre como Freud acabou por “amaldiçoar a hipnose”, mas não pontua sua própria visão sobre elas.

4 INDICAÇÃO DA OBRA

Esse é um texto que constitui uma sólida contribuição para a história da psicologia e da hipnose, sendo a hipnose sempre presente na história, mas pouco citada nos livros tradicionais usados pelas universidades.

O texto conta a história da psicologia pontuando as várias batalhas travadas pra se tornar uma ciência fornecendo um vasto conhecimento para quem quer se aprofundar na história da psicologia e da hipnose. Realizando uma arqueologia do saber psicológico ao discutir, aspectos pragmáticos, que organizaram práticas sociais que resultaram na atual ordem de diagnóstico e tratamento. Indicado a todos aqueles que já têm certo conhecimento sobre o assunto e que queiram se aprofundar ainda mais.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**Autor Orientando:**

Patrícia Ferreira Mendes
Rua Zé Martins, 250
Bairro: Novo Paraíso
Carmo do Paranaíba/MG
(34) 99661-1070
patricia_cp_@hotmail.com

Autor Orientador:

Isabel Cristina Oliveira Gomes
Av. Juscelino Kubitscheck de Oliveira, 1220
Bairro: Cidade Nova
Patos de Minas/MG
(34) 99206-6160
belgomes.icog@gmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 17 de Junho de 2019

Patrícia Ferreira Mendes

Isabel Cristina Oliveira Gomes



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

Departamento de Graduação em Psicologia

Curso de Bacharelado em Psicologia

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC N°. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME N°. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, n°. 65, sessão 1, pág. 70-81

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)